

Mais de 20 milhões de livros vendidos

LUCINDA RILEY

A GAROTA
DO PENHASCO



ARQUEIRO

*E assim prosseguimos, barcos contra a corrente,
arrastados incessantemente para o passado.*

F. SCOTT FITZGERALD, *O grande Gatsby*

Aurora

Eu sou eu.

E vou contar uma história.

Dizem que as palavras acima são as mais difíceis para qualquer escritor.

Ou seja: como começar. Plagiei a primeira tentativa de escrita do meu irmão caçula. A simplicidade de sua primeira linha nunca me saiu da cabeça.

Então comecei.

Devo alertar que não sou uma profissional nesse ramo. Na verdade, nem me lembro da última vez que peguei em caneta e papel. Sempre falei com o corpo, sabe? Como não posso mais fazer isso, decidi falar com a mente.

Não estou escrevendo com qualquer intenção de publicar. Temo que a questão seja um pouco mais egoísta. Estou naquele ponto da vida que todos receiam: o de precisar preencher os dias com o passado, porque me resta pouco futuro.

É algo para fazer.

E considero a minha história interessante – a minha e a da minha família, que começou quase cem anos antes de eu nascer.

Sei que todo mundo pensa isso da própria história. E é verdade. Todo ser humano tem uma existência fascinante, com um grande elenco de personagens bons e maus.

E quase sempre, em algum ponto do caminho, um quê de magia.

Fui batizada em homenagem à princesa de um conto de fadas famoso. Talvez por isso eu sempre tenha acreditado em magia. À medida que fui envelhecendo, percebi que contos de fadas são uma alegoria da grande dança da vida que todos iniciamos ao nascer.

E não há como escapar até morrermos.

Então, caro leitor, cara leitora – posso falar assim, pois imagino que minha história encontrou um público, se você está lendo isto –, me deixe começar.

Como muitos dos personagens morreram bem antes de eu nascer, vou fazer o máximo para usar a imaginação a fim de trazê-los de volta à vida.

E enquanto estou sentada aqui pensando sobre a história que vou contar, e que me foi transmitida por duas gerações, percebo que existe um tema principal. Esse tema é o amor, claro, e as escolhas que fazemos por causa dele.

Muitos de vocês vão logo pensar que estou me referindo ao amor entre um homem e uma mulher – e sim, há uma boa dose disso. Mas existem também outras formas preciosas e igualmente potentes: o amor de um pai ou de uma mãe por um filho, por exemplo. E também o tipo obsessivo, destrutivo, que gera o caos.

Outro tema que perpassa esta história é a grande quantidade de chá que as pessoas tomam – mas agora já estou fugindo do assunto. Me perdoem, é isso que fazem os que se sentem velhos. Então vamos continuar.

Vou servir de guia e interromper quando achar necessário explicar alguma passagem em mais detalhes, pois a história é complexa.

Acho que, para complicar ainda mais, vou começar perto do final, quando eu era uma menina de 8 anos, órfã de mãe. No alto de um penhasco, de frente para a baía de Dunworley, meu lugar favorito no mundo.

Era uma vez...

Baía de Dunworley, West Cork, Irlanda

A pequena figura estava parada perigosamente perto da borda do penhasco. Seus cabelos ruivos, longos e cheios esvoaçavam, soprados pela brisa forte. Um fino vestido branco de algodão descia até os tornozelos, deixando à mostra os pequenos pés descalços. Seus braços estavam esticados, as palmas viradas para o mar cinza que espumava lá embaixo, e o rosto pálido voltado para cima, como quem se oferece em sacrifício aos elementos.

Grania Ryan a observava, hipnotizada por aquela visão fantasmagórica. Estava atordoada demais para saber se o que via era real ou fruto da imaginação. Fechou os olhos por um momento, então tornou a abri-los e viu que a pequena figura continuava lá. Quando seu cérebro processou as informações recebidas, ela deu alguns passos hesitantes à frente.

Ao chegar mais perto, Grania se deu conta de que a figura não passava de uma criança, que a roupa branca era uma camisola. Ela via as nuvens escuras de tempestade pairando acima do mar, e as primeiras gotas de chuva pinicaram suas bochechas. A fragilidade daquele pequeno ser humano diante da natureza selvagem ao redor apressou seus passos.

O vento fustigava suas orelhas, começando a soar raivoso. Grania parou a 10 metros da menina, que continuava imóvel. Viu os dedinhos do pé azulados que a prendiam estoicamente à rocha enquanto o vento cada vez mais forte açoitava e balançava seu corpo magro como se fosse uma muda de salgueiro. Chegou mais perto e parou logo atrás da menina, sem saber ao certo o que fazer. Seu instinto era correr e agarrá-la, mas se a criança levasse um susto e se virasse, um simples passo em falso poderia resultar em uma tragédia, lançando a garota a uma morte certa nas pedras cobertas de espuma 30 metros abaixo.

Grania ficou parada, morrendo de medo, enquanto tentava desesperada-

mente pensar no melhor jeito de afastar a criança do perigo. Mas, antes de conseguir tomar uma decisão, a menina se virou devagar e a encarou com um olhar vazio.

Por instinto, Grania estendeu os braços.

– Não vou te machucar, prometo. Vem cá, você vai ficar bem.

A menina a encarou, sem sair da borda do penhasco.

– Posso levar você para casa, se me disser onde mora. Vai acabar ficando doente aqui. Por favor, me deixa ajudar – suplicou Grania.

Ela deu mais um passo em direção à criança, e então, como se despertasse de um sonho, uma expressão de medo atravessou o rosto da menina. No mesmo instante, ela girou para a direita e correu para longe de Grania, seguindo pela borda do penhasco até sumir de vista.



– Estava quase mandando uma patrulha de busca atrás de você. Esse temporal de hoje é dos bons!

– Mãe, eu tenho 31 anos na cara e há dez moro em Manhattan – respondeu Grania em tom seco, entrando na cozinha e pendurando a capa de chuva acima do fogão. – Não precisa ficar cuidando de mim. Já sou bem grandinha, lembra? – Ela sorriu e foi até a mãe, que estava ocupada pondo a mesa do jantar, e deu-lhe um beijo na bochecha. – *De verdade.*

– Pode até ser, mas eu já vi homens bem mais fortes serem soprados do penhasco num vendaval como o de hoje.

Kathleen apontou pela janela da cozinha para o vento descontrolado que fazia o arbusto de glícínia tamborilar monotonamente na vidraça com seus galhos ressequidos.

– Acabei de fazer chá. – Kathleen limpou as mãos no avental e foi até o fogão. – Quer um pouco?

– Seria ótimo, mãe. Por que não se senta e descansa uns minutos enquanto eu sirvo a gente? – Grania conduziu a mãe até uma das cadeiras da cozinha, puxou-a para ela e a fez se sentar com delicadeza.

– Mas só cinco minutos, os rapazes vão chegar às seis querendo o chá.

Grania arqueou a sobrancelha enquanto servia o líquido escuro em duas xícaras, mas nada comentou sobre aquela dedicação doméstica ao marido e ao filho. Não que algo houvesse mudado nos últimos dez anos, desde que saíra de casa: Kathleen sempre havia mimado os homens, pondo as necessidades

e os desejos deles em primeiro lugar. Mas o contraste da vida da mãe com a dela, em que a norma era a emancipação feminina e a igualdade entre os sexos, deixava Grania desconfortável.

E mesmo assim... apesar de ter se libertado do que muitas mulheres modernas considerariam tirania masculina ultrapassada, quem era atualmente mais feliz, mãe ou filha? Grania suspirou com tristeza enquanto colocava leite no chá da mãe. Sabia a resposta.

– Pronto, mãe. Quer biscoito?

Grania pôs a lata de biscoitos diante de Kathleen e a abriu. Como sempre, o recipiente estava cheio até a boca com biscoitos recheados de creme, de chocolate e amanteigados. Mais uma relíquia da infância que provocaria em suas contemporâneas de Nova York, tão preocupadas com a silhueta, o mesmo horror que uma pequena bomba nuclear.

Kathleen pegou dois biscoitos e disse:

– Vamos, pega um também para me acompanhar. O que você come não dá para sustentar nem um camundongo.

Grania obedeceu e mordiscou um biscoito enquanto pensava que, desde que chegara à casa dos pais, dez dias antes, vivia empanturrada com a generosa comida caseira da mãe. Mesmo assim, podia dizer que tinha o apetite mais saudável de todas as mulheres que conhecia em Nova York. E que de fato usava seu forno com a finalidade para a qual ele fora projetado, e não como um lugar para guardar louça.

– Caminhar arejou um pouco a sua mente, foi? – comentou Kathleen, devorando um terceiro biscoito. – Sempre que tenho um problema, saio para caminhar e volto com a solução.

– Na verdade... – Grania tomou um gole de chá. – Mãe, eu vi uma coisa estranha. Uma menina pequena, devia ter 8 ou 9 anos, só de camisola, bem na beira do penhasco. Tinha um cabelo ruivo lindo, cacheado... parecia sonâmbula, porque se virou para mim quando cheguei perto e os olhos estavam... – Ela procurou pela palavra certa. – ... vazios. Como se ela não estivesse me vendo. Então pareceu acordar e fugiu feito um coelho assustado pela trilha do penhasco. Sabe quem pode ser?

Grania viu a cor se esvaír do rosto da mãe.

– Está tudo bem, mãe?

Kathleen estremeceu visivelmente e encarou a filha.

– Está dizendo que viu essa menina agora há pouco, no seu passeio?

– Foi.

– Minha Nossa Senhora! – Kathleen se benzeu. – Eles voltaram.

– Eles quem, mãe? – perguntou Grania, preocupada ao ver como a mãe parecia abalada.

– Voltaram por quê? – O olhar de Kathleen se perdeu na noite através da janela. – Por que iriam querer voltar? Eu pensei... pensei que tivesse finalmente acabado, que eles tivessem ido embora de vez. – Kathleen agarrou a mão da filha. – Tem certeza de que foi uma menina que você viu, e não uma mulher adulta?

– Absoluta, mãe. Eu disse, ela devia ter 8 ou 9 anos. Fiquei preocupada. Ela estava descalça e parecia morta de frio. Para ser sincera, fiquei pensando se não estava vendo um fantasma.

– De certa forma estava mesmo, Grania, com certeza – murmurou Kathleen. – Eles devem ter voltado há poucos dias. Na sexta passada eu passei pelo morro, bem em frente à casa. Já eram mais de dez da noite e não havia luz acesa. O lugar estava fechado.

– Que lugar é esse?

– A Casa Dunworley.

– Aquela casa enorme, abandonada, que fica bem no alto do penhasco, logo depois da nossa? – perguntou Grania. – Está vazia há anos, não é?

– Quando você era criança, sim, mas... – Kathleen suspirou. – Eles voltaram depois que você se mudou para Nova York. Aí, quando... quando aconteceu o acidente, foram embora. Ninguém achou que veríamos aquelas pessoas por aqui de novo. E ainda bem – ressaltou ela. – Temos uma história com elas, muito antiga. Mas enfim... – Kathleen deu um tapa na mesa e fez menção de se levantar. – O que passou passou, e meu conselho é manter distância. Eles só arrumam problemas para a família, só problemas.

Grania observou a mãe andar até o fogão, o semblante sério, e tirar de um dos fornos a pesada panela com a refeição da noite.

– Acho que a mãe daquela menina ia querer saber do perigo que a filha correu hoje, não? – questionou Grania.

– Ela não tem mãe.

A colher de pau de Kathleen passou a mexer o ensopado ritmadamente.

– Ela morreu?

– Morreu.

– Entendi... Então quem cuida dessa pobre menina?

– Não adianta me perguntar sobre a vida deles – respondeu Kathleen, dando de ombros. – Eu não sei nem quero saber.

Grania franziu o cenho. O comportamento da mãe era completamente oposto à sua atitude habitual. O coração grande e maternal de Kathleen batia alto e forte por qualquer pobre criatura em perigo. Todos os parentes e amigos a procuravam primeiro sempre que estavam com um problema e precisavam de apoio. Ainda mais no que dizia respeito a crianças.

– Como foi que a mãe dela morreu?

A colher de pau parou de girar e se fez silêncio. Por fim, Kathleen suspirou e se virou para encarar a filha.

– Bom, acho que, se eu não te contar, logo você vai ouvir de outra pessoa. Ela tirou a própria vida.

– Está dizendo que ela se suicidou?

– É a mesma coisa, Grania.

– Há quanto tempo?

– Ela se jogou do penhasco quatro anos atrás. O corpo foi encontrado dois dias depois, na praia de Inchydoney.

Foi a vez de Grania ficar calada. Por fim, ela se arriscou a perguntar:

– De onde ela pulou?

– Pelo que ouvi dizer, provavelmente do mesmo lugar em que você viu a filha dela hoje. Acho que Aurora estava procurando a mãe.

– Você sabe o nome da menina?

– Claro. Não é nenhum segredo. A família Lisle era dona de Dunworley inteira, inclusive desta casa. Eles eram os senhores de terras que mandavam por aqui, muito tempo atrás. Venderam as terras nos anos 1960, mas ficaram com a casa no alto do penhasco.

– Já vi esse nome em algum lugar... *Lisle*...

– O cemitério daqui está cheio de túmulos da família deles. Inclusive o dela.

– E você já viu a menina... já viu Aurora no penhasco antes?

– Foi por isso que o pai a levou embora. Depois que a mãe morreu, a pequena não parava de andar pelos penhascos chamando por ela. Quase maluca de sofrimento, eu acho.

Grania viu que o semblante de Kathleen tinha se suavizado um pouco.

– Coitadinha – sussurrou ela.

– É, dava dó de ver e ela não merecia o que aconteceu, mas tem alguma

coisa de ruim naquela família. Escute o que estou dizendo, Grania, não se meta com essa gente.

– Por que será que eles voltaram? – murmurou Grania, quase para si mesma.

– Esses Lisles só fazem o que querem. Mas não sei e não quero saber. Agora, será que você pode ser útil e me ajudar a terminar de pôr a mesa?



Grania subiu para o quarto logo depois das dez, como vinha fazendo todas as noites desde que chegara. No andar de baixo, sua mãe estava ocupada na cozinha pondo a mesa do café da manhã, seu pai cochilava na poltrona em frente à televisão e seu irmão, Shane, saíra para ir ao pub da vila. Os dois homens administravam juntos a fazenda de 200 hectares, voltada sobretudo para a criação de gado leiteiro e ovelhas. Aos 29 anos, o “menino” – como Shane era carinhosamente chamado – parecia não ter a menor intenção de se mudar para uma casa só dele. Mulheres iam e vinham, mas raramente visitavam a casa dos pais. Kathleen estranhava o fato de o filho ainda ser solteiro, mas Grania sabia que a mãe ficaria perdida sem ele.

Ela se enfiou debaixo das cobertas, escutando a chuva bater nas vidraças, e torceu para a pobre Aurora Lisle estar deitada em casa, segura e quentinha. Virou as páginas de um livro, mas se pegou bocejando, desconcentrada. Talvez o ar puro a deixasse sonolenta; em Nova York, era raro estar na cama antes de meia-noite.

Por outro lado, Grania não se lembrava de uma noite de sua infância em que a mãe não estivesse em casa. E, caso Kathleen precisasse dormir fora, ajudando alguém, cuidando de algum parente adoentado, preparava tudo de maneira quase militar para garantir que a família não passasse fome e que as roupas não deixassem de ser lavadas. Quanto ao pai, Grania duvidava que ele tivesse passado sequer *uma noite* fora da própria cama nos últimos 34 anos de casamento. Levantava todo dia às cinco e meia da manhã, ia para o curral de ordenha e só voltava para casa ao cair da noite. Marido e esposa sabiam exatamente onde o outro estava em todos os momentos. Suas vidas eram uma só, unidas e inseparáveis.

E a cola que os mantinha unidos eram os filhos.

Quando ela e Matt foram morar juntos, oito anos antes, partiram do princípio de que um dia teriam bebês. Como qualquer casal moderno, até

chegar o momento propício ambos se agarravam à carreira com unhas e dentes, aproveitando a vida ao máximo enquanto podiam.

Então, certa manhã Grania acordou e, como fazia todos os dias, vestiu a roupa de ginástica e foi correr ao longo da margem do Hudson até Battery Park, parando em Winter Gardens para um café com leite e um bagel. Foi ali que tudo aconteceu; enquanto tomava o café, olhou de relance para o carrinho parado junto à mesa ao lado, onde um recém-nascido mirrado dormia a sono solto. Grania foi tomada por uma súbita e avassaladora ânsia de pegar o bebê e aninhá-lo junto ao peito. Quando a mãe lhe lançou um sorriso nervoso, se levantou e afastou o carrinho daquela atenção indesejada, Grania voltou correndo para casa, ofegante com a emoção que despertava.

Imaginando que fosse passar, ela ficou o dia todo no ateliê, entretida em moldar a maleável argila marrom para atender à sua mais recente encomenda, mas a sensação não se aliviou.

Às seis da tarde, Grania deixou o ateliê, tomou uma ducha e pôs uma roupa adequada para a inauguração de uma galeria de arte à qual precisava comparecer naquela noite. Serviu-se de uma taça de vinho e foi até a janela com vista para as luzes cintilantes de Nova Jersey, do outro lado do Hudson.

– Quero ter um filho.

Grania tomou um bom gole de vinho e riu das palavras absurdas que havia pronunciado. Então as repetiu, só para ter certeza.

E sentiu que era verdade. Não apenas verdade, mas perfeitamente natural, como se aquele pensamento e aquela necessidade a tivessem acompanhado a vida inteira, e todos os motivos para não fazer aquilo tivessem se evaporado e parecessem agora ridículos.

Ela foi à inauguração da galeria e papeou com o círculo habitual de artistas, colecionadores e intermediários que povoava esse tipo de evento. Na sua mente, porém, já estava listando os aspectos práticos da decisão tomada mais cedo que iria mudar sua vida. Será que eles precisariam se mudar? Não, provavelmente não a curto prazo – o loft em TriBeCa era espaçoso, e seria fácil transformar o escritório de Matt em um quarto de bebê. Ele quase não o usava mesmo, já que preferia levar o notebook para a sala e trabalhar lá. Eles moravam no quarto andar, mas o elevador de carga era grande o suficiente para acomodar um carrinho. O Battery Park, que tinha um parquinho bem equipado e o ar puro do rio, era bem acessível para passeios. Como Grania

trabalhava em casa, mesmo que fosse preciso contratar uma babá, estaria a apenas alguns segundos do bebê, caso ele precisasse dela.

Mais tarde, Grania se deitou na cama grande e vazia e suspirou irritada por ter que guardar a empolgação para si mesma por mais algum tempo. Matt tinha passado a última semana fora, e só voltaria dali a dois dias. E aquilo não era o tipo de coisa que se anunciava pelo telefone. Por fim, ela pegou no sono, já de madrugada, imaginando a expressão orgulhosa de Matt quando colocasse o filho recém-nascido em seus braços.

Ao chegar em casa, Matt se mostrou tão empolgado com a ideia quanto ela. Fizeram uma primeira tentativa imediata, e bem prazerosa, de colocar o plano em prática, adorando ter um projeto secreto para aproximá-los e consolidar a união, assim como tinha acontecido com os pais dos dois. Aquilo era o pedacinho que faltava para transformá-los de uma vez por todas em uma só coisa, juntos e conectados. Em suma, *uma família*.



Deitada na cama estreita da sua infância, Grania escutou o vento uivar furioso ao redor das sólidas paredes de pedra da casa. Estendeu a mão para um lenço de papel e assoou o nariz com força.

Aquilo já fazia um ano. E a terrível verdade era que seu “projeto” não os unira. Pelo contrário, os destruía.

2

Na manhã seguinte, quando Grania acordou, o temporal da noite anterior tinha se dissipado como uma lembrança, levando consigo as nuvens cinzentas. O sol, em uma rara aparição invernala, iluminava a paisagem além da sua janela e realçava o verde infinito dos campos que cercavam a fazenda, salpicados pelos pontinhos brancos e felpudos das ovelhas que ali pastavam.

Ela sabia que era improvável que aquilo durasse muito. O sol de West Cork era como uma diva temperamental, que prestigiava o palco com uma aparição-relâmpago, banhando a todos em sua glória, para logo desaparecer tão depressa quanto havia surgido.

Como não tinha conseguido manter sua corrida matinal devido à chuva incessante dos últimos dez dias, Grania pulou da cama e vasculhou a mala ainda feita até encontrar o moletom, a calça de corrida e os tênis.

– Nossa, acordou cedo hoje – comentou a mãe quando ela chegou à cozinha. – Quer mingau?

– Eu como quando voltar. Vou dar uma corrida.

– Bom, não vá se cansar. Não estou achando essa sua cor nada saudável... Está com o rosto muito pálido.

– Estou querendo melhorar isso, mãe. – Grania reprimiu um sorriso. – Até daqui a pouco.

– Não vá pegar friagem, hein? – recomendou Kathleen às costas da filha, que já sumia de vista.

Ela ficou olhando pela janela da cozinha enquanto Grania corria pela estradinha estreita que cortava os campos com seu antigo muro de pedra e dava na trilha que subia para o penhasco.

Ficara chocada ao ver Grania quando ela chegou em casa; nos três anos desde a última vez que a vira, sua filha linda e atraente – sempre chamando atenção com sua tez branca e rosada, seus cabelos louros encaracolados e seus

brilhantes olhos azuis – parecia ter perdido o viço. Como havia comentado com o marido, John, Grania agora parecia uma camisa rosa-choque posta para lavar por engano junto com as roupas escuras e tirada como uma versão baça e acinzentada do que era antes.

Kathleen sabia por quê. Grania tinha lhe contado ao ligar de Nova York para perguntar se podia passar uma temporada na casa dos pais. Dissera que sim, claro, feliz com a oportunidade inesperada de passar algum tempo com a filha. Mas não entendia os motivos; com certeza aquele era um período em que ela e o parceiro deviam ficar juntos, se apoiando na dor, e não separados por meio mundo.

E o adorável Matt telefonava todas as noites para falar com ela, mas Grania teimava em não atender as ligações. Kathleen sempre tivera um fraco por ele; com sua beleza de traços fortes, seu suave sotaque de Connecticut e suas boas maneiras impecáveis, Matt lembrava os galãs de cinema que a faziam suspirar quando menina. Um jovem Robert Redford – era assim que via Matt. Não entendia por que Grania não tinha se casado com ele anos antes. E agora sua filha, sempre teimosa quando decidia alguma coisa, com certeza estava a ponto de perdê-lo de vez.

Kathleen não sabia muita coisa do mundo, mas entendia os homens e seus egos. Eles não eram como as mulheres – não tinham a mesma capacidade de suportar rejeição – e ela tinha certeza de que as ligações de Matt logo parariam e que ele desistiria.

A menos que houvesse algo que Kathleen não soubesse...

Suspirou enquanto tirava a mesa do café da manhã e punha a louça na pia. Grania era sua menina de ouro – a única a deixar o ninho e fazer de tudo para orgulhar a família, principalmente a mãe. Era a filha sobre quem os parentes perguntavam, examinando os recortes que ela mandava de vários jornais com detalhes de sua última exposição em Nova York, fascinados pelos clientes ricos que a contratavam para immortalizar em bronze o rosto de seus filhos ou animais de estimação...

Ter sucesso nos Estados Unidos continuava sendo o maior sonho irlandês.

Kathleen secou as tigelas e talheres e os guardou no aparador de madeira. Claro que ninguém tinha uma vida perfeita, sabia disso. Sempre supusera que Grania não almejasse ser mãe, e aceitava o fato. Por acaso não tinha um filho bonito e forte para lhe dar netos um dia? Mas estava enganada. Apesar do estilo de vida sofisticado de Grania e de ela morar em Nova York, que

Kathleen considerava o centro do universo, estavam faltando os bebês. E, até eles chegarem, sua filha não estaria feliz.

Não podia evitar pensar que Grania fizera por merecer. Apesar de todos aqueles remédios modernos usados para ajudar e estimular o milagre da natureza, nada substituía a juventude. Ela mesma tinha apenas 19 anos quando dera à luz Grania. E energia de sobra para dar conta de outro bebê, dois anos depois. Grania já estava com 31. E aquelas profissionais modernas podiam pensar o que quisessem, mas era impossível ter tudo na vida.

Assim, embora sentisse pena pelo que a filha perdera, seu costume era aceitar o que tinha e não sofrer pelo que não tinha. E foi pensando nisso que Kathleen subiu a escada para fazer as camas.



Grania se deixou cair sentada em uma pedra úmida coberta de musgo para recuperar o fôlego. Arfava e ofegava como uma idosa; obviamente o aborto espontâneo e a recente falta de exercícios haviam cobrado seu preço. Ela baixou a cabeça enquanto a respiração se normalizava e chutou tufo de grama que se recusaram a desgrudar das sólidas raízes que os prendiam debaixo da terra. Se ao menos a pequena vida dentro dela tivesse feito a mesma coisa...

Quatro meses... justo quando ela e Matt pensavam ter passado pela fase mais crítica – todo mundo sabia que nesse tempo em geral já se tinha chegado a um estágio seguro. E Grania, até então paranoica, tinha começado a relaxar e se entregar à iminente e tão desejada fantasia de se tornar *mãe*.

Ela e Matt tinham dado a notícia aos dois casais de avós; Elaine e Bob, pais de Matt, tinham levado os dois para jantar no L'Escale, perto de sua enorme casa no condomínio de luxo de Belle Haven, em Greenwich. Sem rodeios, Bob tinha perguntado quando os dois iam começar os preparativos para o tão esperado casamento, agora que Grania estava grávida. Afinal, aquele era o seu primeiro neto, e ele tinha deixado bem claro que a criança deveria herdar o sobrenome da família. Grania desconversara – quando encurralada, seus espinhos se eriçavam, sobretudo com o pai de Matt – e respondera que ela e Matt ainda não tinham conversado sobre o assunto.

Uma semana depois, no apartamento em TriBeCa, o interfone anunciou a chegada de uma van da Bloomingdale's para entregar um quarto de bebê

completo. Supersticiosa demais para mandar pôr os presentes no loft, Grania mandou levar tudo para o porão, onde ficariam guardados até uma data mais próxima do nascimento. Ao ver todas as caixas sendo empilhadas em um canto, notou que Elaine não tinha esquecido nada.

– Lá se vai nossa ida à Bloomie's para escolher um berço, ou ver que marca de fralda a gente prefere – murmurou Grania para Matt naquela noite, mal-agra-decida.

– Mamãe só está tentando ajudar, Grania – respondeu Matt, na defensiva. – Ela sabe que eu não ganho quase nada e que a sua renda é boa, mas esporádica. Talvez eu devesse considerar entrar na empresa do papai, no fim das contas, agora que o pequeno vai chegar. – Matt apontou para a barriga discreta, porém visível de Grania.

– Não, Matt! A gente combinou que você nunca faria isso. Não teria vida nem liberdade se fosse trabalhar com seu pai. Você sabe como ele é mandão.

Grania desistiu de tentar soltar a grama das raízes e, em vez disso, deixou os olhos se perderem no mar. Sorriu com tristeza para o eufemismo que tinha usado na conversa com Matt. Em se tratando do filho, Bob era um controlador absoluto. Embora entendesse a decepção que ele devia sentir com a falta de interesse de Matt pelo fundo de investimentos da família, não compreendia a indiferença do sogro pela carreira do filho. Matt estava se saindo muito bem, e havia se tornado uma autoridade respeitada na área da psicologia infantil. Tinha uma cátedra na Universidade Columbia e vivia sendo convidado para dar palestras em outras universidades país afora. Bob também era arrogante com Grania, fazendo curtos, porém incisivos comentários sobre sua criação e seu nível de instrução.

Olhando em retrospectiva, ficava aliviada por terem pelo menos recusado dinheiro dos pais de Matt. Mesmo no início, quando ela estava tentando fazer seu nome como escultora e Matt ainda precisava concluir o doutorado, quando mal conseguiam pagar o aluguel do seu pequeno quarto e sala, Grania ficara paranoica. E com motivo, pensou: as moças de Connecticut que conhecera por intermédio de Matt e sua família, com suas roupas cintilantes e imaculadas, não poderiam ser mais diferentes da garota simples que ela era, educada em colégio de freiras e criada em um vilarejo perdido na Irlanda. Talvez o relacionamento estivesse fadado ao fracasso...

– Olá.

Grania se sobressaltou ao escutar a voz. Olhou em volta, mas não viu ninguém.

– Eu disse olá.

A voz vinha de trás. Ela girou para ver quem era. E ali estava Aurora. Felizmente, naquele dia estava vestida com uma calça jeans e um casaco impermeável largo, além de um gorro de lã que escondia o magnífico cabelo ruivo, exceto por uns poucos fios. Seu rosto era pequeno e tinha um bonito formato de coração, os olhos eram imensos e os lábios cor-de-rosa e carnudos eram desproporcionais em relação à tela em miniatura sobre a qual estavam pintados.

– Olá, Aurora.

O cumprimento de Grania fez a menina encará-la com surpresa.

– Como você sabe o meu nome?

– Eu vi você ontem.

– Ah, é? Onde?

– Aqui, no penhasco.

– É mesmo? – Aurora franziu o cenho. – Não me lembro de ter vindo aqui ontem. E com certeza não me lembro de ter falado com você.

– E não falou. Eu vi você, só isso – explicou Grania.

– Então como sabe o meu nome? – A menina falava com um forte sotaque britânico.

– Perguntei para minha mãe quem podia ser a menina com um cabelo ruivo tão lindo. E ela me disse.

– E como ela sabe? – perguntou a criança em um tom de autoridade.

– Ela morou aqui no povoado a vida inteira. Disse que você foi embora anos atrás.

– É, a gente foi. Mas agora a gente voltou. – Aurora olhou para o mar e abriu os braços para abarcar o litoral. – Eu amo este lugar. E você?

Grania teve a sensação de que a pergunta era uma afirmação da qual não lhe era permitido discordar.

– É claro que eu amo. Nasci e fui criada aqui.

– Então... – Aurora se acomodou graciosamente na grama ao lado de Grania e a encarou com seus olhos azuis. – Qual é o *seu* nome?

– Grania. Grania Ryan.

– Bom, acho que nunca ouvi falar de você.

Grania quis sorrir daquele jeito adulto de se expressar.

– Acho que não tinha motivo para ouvir. Faz quase dez anos que eu moro longe.

O rosto de Aurora se iluminou e ela uniu as mãozinhas.

– Então quer dizer que nós voltamos ao mesmo tempo para um lugar que a gente ama.

– Acho que sim.

– Então a gente pode fazer companhia uma pra outra! Você pode ser minha nova amiga.

– É muita gentileza sua, Aurora.

– Você deve estar se sentindo sozinha.

– Talvez... – Grania sorriu. – E você? Se sente sozinha aqui também?

– Às vezes. – Aurora deu de ombros. – Papai vive cheio de trabalho e muitas vezes viaja, e só tenho a empregada para brincar comigo. E ela não é muito boa de brincadeiras. – Aurora franziu o nariz arrebitado e sardento em desagrado.

– Poxa vida – lamentou Grania, na falta de algo melhor para dizer. Estava ao mesmo tempo desarmada e constrangida com o jeito peculiar da menina.

– Mas com certeza você tem amigos na escola, não?

– Não vou pra escola. Meu pai gosta que eu fique em casa com ele. Tenho uma professora particular.

– E onde ela está hoje?

– Papai e eu decidimos que não gostamos dela, então deixamos ela lá em Londres. – Aurora deu uma risadinha repentina. – Só fizemos as malas e viemos embora.

– Entendi – disse Grania, embora com toda a certeza não tivesse entendido.

– Você trabalha? – indagou Aurora.

– Trabalho, sim. Sou escultora.

– Escultor não é quem faz estátuas de barro?

– É, mais ou menos isso.

– Ah, você sabe usar papel machê? – O rosto de Aurora se iluminou. – Eu *amo* papel machê! Tive uma babá que me ensinou a fazer cumbucas, e depois a gente pintava e dava de presente para o papai. Você quer ir lá em casa fazer papel machê comigo? Por favor!

Grania ficou encantada com aquela animação e empolgação genuínas.

– Tá bom. – Pegou-se assentindo. – Não vejo por que não.

– Pode vir agora? – Aurora segurou a mão dela. – Podemos ir lá pra casa

fazer alguma coisa para o papai antes de ele ir embora. – Ela estendeu a outra mão e puxou o capuz do moletom de Grania. – Por favor, diz que sim!

– Não, Aurora, agora eu não posso. Preciso antes arrumar o material para fazer o papel machê. Além do mais, minha mãe pode pensar que eu me perdi – acrescentou Grania.

Ela observou a expressão de Aurora se apagar, a luz sumindo de seus olhos, e seu corpo murchou.

– Não tenho mãe. Eu tinha, mas ela morreu.

– Sinto muito, Aurora. – Por instinto, Grania estendeu a mão e tocou o ombro da menina. – Você deve sentir muita saudade.

– Sinto mesmo. Ela era a pessoa mais linda e especial do mundo. Papai sempre diz que mamãe era um anjo, e foi por isso que os outros anjos vieram levar ela embora, para ela poder ir para o céu, onde era o lugar dela.

Grania ficou tocada pela dor evidente da menina.

– Com certeza seu pai tem razão. E pelo menos você tem a ele.

– É, tenho – concordou Aurora. – E ele é o melhor pai do mundo e o mais bonito. Se você visse o papai, ia se apaixonar por ele. Todas as mulheres se apaixonam.

– Bom, nesse caso eu preciso conhecê-lo, não é? – Grania sorriu.

– É. – De repente, Aurora se levantou da grama com um pulo. – Preciso ir agora. Você vai estar aqui no mesmo horário amanhã.

Não foi um pedido, foi uma ordem.

– Ahn...

– Ótimo. – Aurora se atirou nos braços de Grania e a enlaçou. – Traz tudo para o papel machê, aí a gente pode ir lá pra casa e passar a manhã fazendo cumbucas para o papai. Tchau, Grania, até amanhã!

– Tchau.

Grania acenou e viu Aurora sair saltitando e dançando pelo penhasco feito uma jovem gazela. Mesmo de casaco e tênis, seus movimentos eram graciosos.

Depois que a menina sumiu de vista, Grania respirou fundo, se sentindo quase enfeitiçada por um ser pequenino e etéreo. Levantou-se, balançou a cabeça para clarear os pensamentos e se perguntou o que a mãe diria ao ouvi-la anunciar que no dia seguinte iria à Casa Dunworley brincar com Aurora Lisle.

CONHEÇA OS LIVROS DE LUCINDA RILEY

A garota italiana
A árvore dos anjos
O segredo de Helena
A casa das orquídeas
A carta secreta
A garota do penhasco

SÉRIE AS SETE IRMÃS

As Sete Irmãs
A irmã da tempestade
A irmã da sombra
A irmã da pérola
A irmã da lua

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

